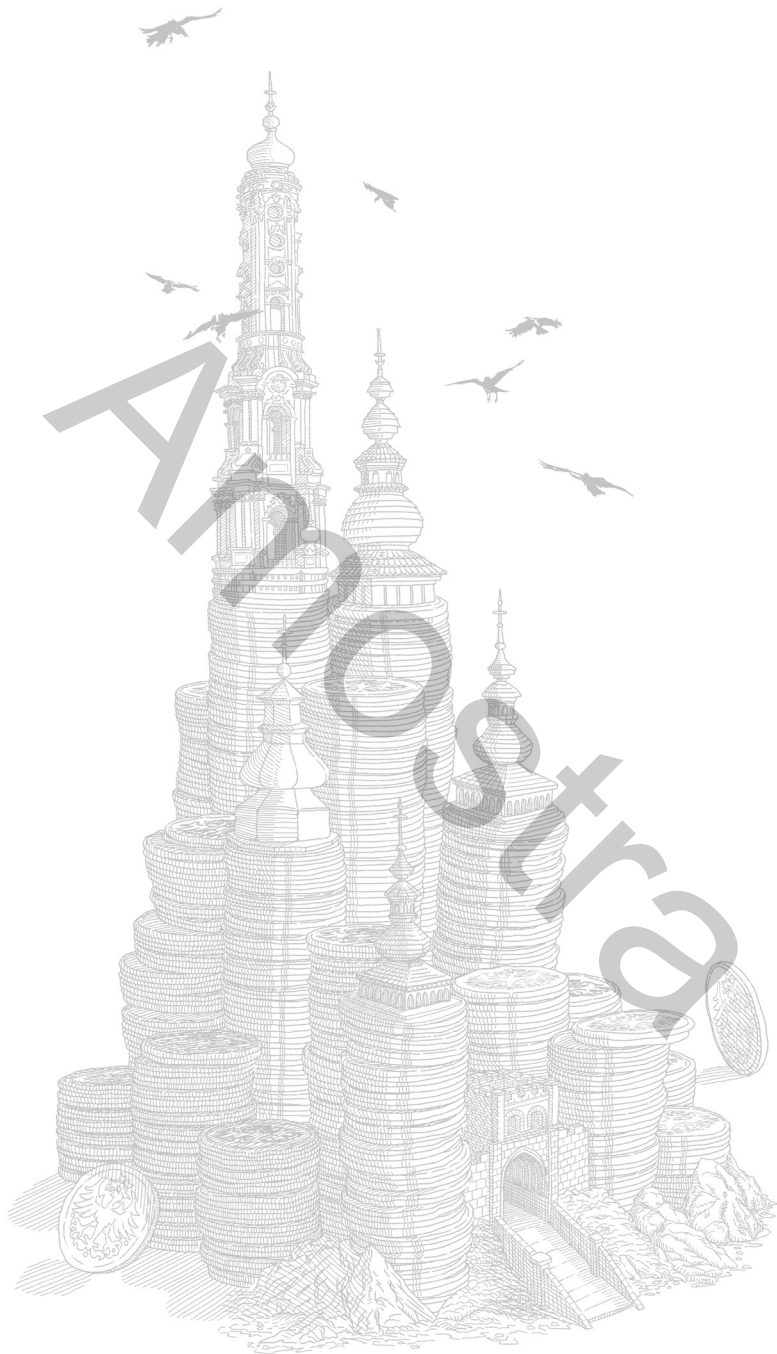


TECIBENDO
PRATA

Amostr



—
—
Vencedora
do Prêmio
Locus 2019
—
—

TECENDO PRATA

NAOMI NOVIK

Tradução de Alessandro Mathias



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2026

Tecendo Prata

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2018 NAOMI NOVIK

ISBN: 978-65-6099-109-5

Translated from the original Spinning Silver. Copyright © 2018 by Temeraire LLC. ISBN 9780399180989. This edition published by arrangement with Del Rey, an imprint of Random House, a division of Penguin Random House LLC, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N935t
Novik, Naomi.
Tecendo prata / Naomi Novik; tradução de Alessandro Mathias. Morro Branco, 2026.
440 p.; 13,3 x 20,3 cm.

Título original: SPINNING SILVER
ISBN 978-65-6099-109-5

1. Ficção norte-americana. 2. Fantasia. 3. Literatura fantástica contemporânea. I. Mathias, Alessandro. II. Título.

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana contemporânea: 813.6

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Coordenação Editorial: Beatriz de Assis & Illysbelle Trajano

Tradução: Alessandro Mathias

Copidesque: Luiza Thomaz

Revisão: João Guterres



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br





CAPÍTULO 1

A história real não é tão bonitinha quanto a que você ouviu. A história real é esta: a filha do moleiro, com seus longos cabelos dourados, quer fisgar um lorde, um príncipe, o filho de um homem rico, então vai ao prestamista, toma emprestado um anel e um colar, e se enfeita para o festival. Como é bonita o bastante, o lorde, o príncipe, o filho do homem rico repara nela, convida-a para dançar e deita-se com ela em um palheiro silencioso quando a dança termina; depois volta para casa e se casa com a mulher rica que a família escolheu para ele. Então, a filha do moleiro, desonrada, conta a todos que o prestamista tem pacto com o demônio, e a aldeia o expulsa, ou talvez até o apedreje, e pelo menos ela fica com as joias para o dote, e o ferreiro se casa com ela antes que o primogênito apareça cedo demais.

Porque é disso que a história realmente trata: de escapar de pagar dívidas. Não é assim que contam, mas eu sabia. Meu pai era prestamista, veja bem.

E não era muito bom nisso. Se alguém não pagava na data certa, ele nem mencionava; só quando nossas despensas ficavam realmente vazias, ou quando nossos sapatos se desfaziam nos pés, e minha mãe falava baixinho com ele depois que eu ia para a cama. Então saía, contrariado, batia em algumas portas e fazia soar como um pedido de desculpas ao cobrar um pouco do que deviam. E, se havia dinheiro em casa e alguém pedia emprestado, ele odiava dizer não, mesmo quando nós mesmos não tínhamos o suficiente.

Assim, todo o dinheiro dele, que na verdade era, em grande parte, o dote da minha mãe, vivia nas casas dos outros. E todos gostavam assim, embora soubessem que deviam ter vergonha, então contavam a história muitas vezes, mesmo (ou especialmente) quando eu podia ouvir.

O pai da minha mãe também era prestamista, mas um muito competente. Ele morava em Vysnia, a 65 quilômetros de distância seguindo pela velha estrada comercial esburacada que se arrastava de aldeia em aldeia como um cordão cheio de pequenos nós sujos. Mamãe me levava para visitá-lo sempre que podia juntar alguns trocados para pagarmos por um lugar na parte de trás da carroça de um mascate ou num trenó, 5 ou 6 trocas ao longo do caminho. Às vezes víamos, entre as árvores, a outra estrada, a dos Staryk, brilhando como a superfície do rio no inverno, quando a neve era soprada para longe.

— Não olhe, Miryem — minha mãe dizia, mas eu sempre espiava pelo canto do olho, tentando mantê-la por perto, porque significava uma viagem mais rápida. Quem estivesse guiando batia o chicote e apressava os cavalos até a estrada desaparecer de novo.

Uma vez, ouvimos os cascos atrás de nós quando saíram da estrada deles, um som como gelo rachando. O condutor açoitou os cavalos para esconder a carroça atrás de uma árvore, e todos nós nos encolhemos no fundo, entre os sacos, o braço da minha mãe em volta da minha cabeça, mantendo-a baixa para eu não me sentir tentada a olhar. Eles passaram e não pararam. Era a carroça de um mascate pobre, coberta de painéis de estanho sem brilho, e cavaleiros Staryk só iam atrás de ouro. Os cascos passaram tilintando e um vento açoitante soprou sobre nós. Quando me endireitei, a ponta da minha trança fina estava branca de gelo, assim como toda a manga da minha mãe, onde me envolvera, e nossas costas. Mas a geada sumiu e, quando desapareceu, o mascate disse à minha mãe:

— Bem, já descansamos o suficiente, não é?

Como se não lembrasse por que havíamos parado.

— Sim — ela concordou, como se também não lembrasse, e voltou ao banco, estalou a língua e seguimos viagem.

Eu era nova o bastante para recordar um pouco depois, mas não tinha idade o suficiente para me importar tanto com os Staryk

quanto com o frio comum mordendo minha roupa e meu estômago vazio. Não queria dizer nada que fizesse a carroça parar de novo, ansiosa para chegar à cidade e à casa do meu avô.

Minha avó sempre tinha um vestido novo para mim, simples e marrom, mas quente e bem feito. E, todo inverno, um par de sapatos de couro novos, que não apertavam meus pés e não estavam remendados e rachados. Ela me alimentava até eu não aguentar mais, três vezes ao dia, e na última noite antes de voltarmos sempre fazia cheesecake, o cheesecake dela, dourado por fora, espesso, branco e esfarelado por dentro, com um gosto leve de maçã, decorado com passas douradas. Depois que eu comia devagar e saboreando cada pedacinho de uma fatia maior que a palma da minha mão, me punham para dormir no quarto grande e acolhedor onde minha mãe e as irmãs haviam dormido quando meninas, na mesma cama estreita entalhada com pombas. Minha mãe sentava ao lado da mãe dela, junto à lareira, e apoiava a cabeça em seu ombro. Não falavam, mas, quando fiquei mais velha e já não dormia tão depressa, passei a notar, sob o brilho do fogo, o pequeno rastro de lágrimas no rosto de ambas.

Poderíamos ter ficado. Havia espaço na casa do meu avô, e éramos bem-vindas. Mas sempre voltávamos, porque amávamos meu pai. Ele era péssimo com dinheiro, mas infinitamente afetuoso e gentil, e tentava compensar suas falhas. Passava quase todos os dias nos bosques gelados caçando comida e lenha, e, dentro de casa, fazia de tudo para ajudar minha mãe. Em nossa casa não havia aquela conversa de “trabalho de mulher”, e quando passávamos fome, ele era o que mais sofria, empurrando escondido a comida do seu prato para o nosso. À noite, sentado junto ao fogo, suas mãos nunca paravam, talhando um brinquedo novo para mim ou alguma coisa para minha mãe, um enfeite numa cadeira ou uma colher de madeira.

Mas o inverno era sempre longo e cruel, e cada ano que eu conseguia lembrar era pior que o anterior. Nossa cidade não tinha muralhas e quase não tinha nome; alguns diziam que se chamava Pakel, por ficar perto da estrada, e os que não gostavam disso (porque lembrava a proximidade da estrada dos Saryk) reclamavam e diziam que era Pavys, por ficar perto do rio, mas ninguém colocava no mapa, então nunca havia decisão. Quando falávamos,

chamávamos só de cidade. Era acolhedora para viajantes, um terço do caminho entre Vysnia e Minask, e um rio pequeno cruzava a estrada de leste a oeste. Muitos agricultores traziam produtos de barco, então o dia de mercado era movimentado. Mas esse era todo o nosso prestígio. Nenhum lorde se importava muito conosco, e o czar em Koron menos ainda. Eu nem sabia dizer para quem o coletor de impostos trabalhava até, numa visita à casa do meu avô, descobrir por acaso que o duque de Vysnia estava irritado porque as receitas da nossa cidade vinham diminuindo ano a ano. O frio que escapava da floresta roubava nossas colheitas cada vez mais cedo.

E no ano em que completei 16, os Staryk vieram também, durante o que deveria ter sido a última semana do outono, antes de a cevada tardia ser colhida. Era comum aparecerem para saquear ouro; o povo contava histórias de vislumbres mal lembrados e dos mortos deixados para trás. Mas, nos últimos 7 anos, com os invernos piorando, tinham se tornado mais vorazes. Ainda havia algumas folhas nas árvores quando deixaram a estrada deles e vieram para a nossa, e avançaram apenas 16 quilômetros além da nossa aldeia, até o mosteiro rico, onde mataram uma dúzia de monges e roubaram os castiçais de ouro, o cálice dourado e todos os ícones pintados a ouro. Levaram aquele tesouro para o reino desconhecido ao fim da estrada deles.

O chão congelou naquela noite com a passagem deles. E todos os dias, depois um vento cortante, soprava da floresta trazendo redemoinhos de neve ardida. Nossa casa ficava isolada na extremidade da cidade, sem outras paredes para quebrar o vento, e ficávamos cada vez mais magros, famintos e trêmulos. Meu pai seguia inventando desculpas, evitando o trabalho que não suportava fazer. Mas, mesmo quando minha mãe por fim insistiu e ele tentou, voltou só com um punhado de moedas, e disse, pedindo desculpas por ser tão pouco:

— É um inverno ruim. Um inverno duro para todos.

Eu nem acreditava que tivessem ao menos se dado ao trabalho de inventar essa desculpa para ele. No dia seguinte, atravessei a cidade levando nosso pão ao padeiro e ouvi mulheres que nos deviam falando das festas que planejavam, das guloseimas que comprariam

no mercado. Era quase meio do inverno. Todas queriam ter algo bom na mesa; algo especial para o festival delas.

Então haviam mandado meu pai embora de mãos vazias, e as luzes brilhavam na neve e o cheiro de carne assada escapava pelas frestas enquanto eu caminhava devagar de volta ao padeiro, para entregar uma moedinha gasta em troca de um pão grosso e meio queimado que não era aquele que eu havia feito. Ele dera o pão bom a outro freguês e guardara um ruim para nós. Em casa, minha mãe preparava uma sopa rala de repolho e juntava óleo de cozinha usado para acender a lamparina para a terceira noite da nossa celebração, tossindo enquanto trabalhava. Outro frio profundo chegara da floresta e se infiltrava por cada fresta da nossa casinha decrepita. Só mantivemos as chamas acesas por alguns minutos antes da ventania entrar e apagar tudo.

— Bem, talvez isso queira dizer que é hora de dormir. — disse meu pai, em vez de reacender o fogo, porque quase não restava óleo.

No oitavo dia, minha mãe estava cansada demais da tosse para levantar da cama.

— Ela vai melhorar logo — meu pai falou, desviando os olhos. — E o frio logo vai passar. Já durou demais.

Ele entalhava velas de madeira, gravetos finos para queimar, porque tínhamos usado as últimas gotas de óleo na noite anterior. Não haveria milagre de luz em nossa casa. Então, meu pai saiu para procurar mais lenha, debaixo da neve. Nossa caixa também estava quase vazia.

— Miryem — disse minha mãe, rouca, depois que ele saiu. Levei uma xícara de chá fraco com um restinho de mel, tudo que eu tinha para confortá-la. Ela bebeu um pouco, recostou-se nos travesseiros e continuou: — Quando o inverno passar, quero que você vá para a casa do meu pai. Ele vai te levar para a casa do meu pai.

Na última vez que visitamos meu avô, as irmãs da minha mãe vieram jantar com maridos e filhos uma noite. Todas usavam vestidos de lã grossa, deixavam capas de pele na entrada e usavam anéis e pulseiras de ouro. Riam e cantavam e a sala estava quente, mesmo sendo pleno inverno, e comemos pão fresco, frango assado e sopa dourada e quente, saborosa e salgada, cujo vapor subia pelo meu rosto. Quando minha mãe falou, inspirei a quentura da lembrança

junto às palavras dela, e senti uma pontada de desejo, cerrando dolorosamente meus punhos frios. Pensei em ir para lá e ficar, como uma mendiga, deixando meu pai sozinho e o ouro da minha mãe para sempre nas casas dos vizinhos.

Apertei os lábios e beijei a testa dela, dizendo para descansar, e quando dormiu um sono inquieto, fui até o baú ao lado da lareira, onde meu pai guardava o grande livro-caixa. Tirei-o e também a caneta gasta, misturei tinta com as cinzas da lareira e fiz uma lista. Uma filha de prestamista, mesmo de um ruim, aprende a mexer com números. Escrevi e calculei, juros e tempo divididos pelos pequenos pagamentos dispersos. Meu pai anotava todos com cuidado, demonstrando um escrúpulo que ninguém mais tinha com ele. Quando terminei, tirei todo o tricô da bolsa, pus meu xale e saí no frio da manhã.

Fui a cada casa que nos devia e bati às portas. Era cedo, muito cedo, ainda escuro, porque a tosse da minha mãe nos despertara à noite. Todos ainda estavam em casa. Os homens abriram as portas, surpresos, e eu os encarei e disse, dura e fria:

— Vim acertar a conta.

Tentaram me enrolar, claro; alguns riram na minha cara. Oleg, o carreteiro de mãos enormes, fechou-as em punhos e as pôs na cintura, olhando para mim, enquanto a esposa miúda, com jeito de esquilo, mantinha a cabeça baixa sobre o fogo, arriscando olhares em minha direção. Kajus, que tomara emprestadas duas moedas de ouro no ano antes de eu nascer e ganhava a vida com o *krupnik* que preparava nas grandes caldeiras de cobre compradas com o dinheiro, sorriu para mim e disse:

— Entre, aqueça-se um pouco, tome algo quente.

Recusei. Não queria me aquecer. Fiquei nas soleiras das portas, tirei minha lista e disse quanto haviam tomado, quanto haviam pago e quanto deviam de juros.

Eles bufaram, argumentaram, alguns gritaram. Ninguém jamais gritara comigo: nem minha mãe, com sua voz suave, nem meu pai gentil. Mas encontrei algo amargo dentro de mim, algo daquele inverno soprado para o meu peito: o som da tosse da minha mãe e a lembrança da história que eles contavam tantas vezes na praça da aldeia, sobre uma moça que se fez rainha com o ouro dos outros

e nunca pagou suas dívidas. Fiquei nas soleiras, imóvel. Meus números eram verdadeiros, e eles e eu sabíamos disso. E, quando se cansavam de gritar, perguntava:

— Você tem o dinheiro?

Acharam que fosse uma brecha. Disseram que não, claro; não tinham aquela quantia.

— Então vão me pagar um pouco agora e depois toda semana, até quitarem a dívida — informei —, e vão pagar juros sobre o que não pagaram, se não quiserem que eu mande chamar meu avô para fazer valer a lei.

Ninguém viajava muito. Sabiam que o pai da minha mãe era rico, morava numa casa imponente em Vysnia, e emprestara dinheiro a cavaleiros e, diziam, até a um lorde. Então me deram um pouco, a contragosto; só alguns trocados em algumas casas, mas cada um deu algo. Aceitei bens também: 11 metros de lã vermelha escura, um pote de óleo, duas dúzias de velas altas de cera branca, uma faca nova do ferreiro. Dei a eles um preço justo, o que cobriam de qualquer outro cliente, não de mim, e anotei os números na frente deles, avisando que voltaria na semana seguinte.

No caminho de volta, parei na casa de Lyudmila. Ela não tomava dinheiro emprestado; podia emprestar se quisesse, mas não podia cobrar juros, e, de todo modo, ninguém na cidade seria tolo o bastante para pegar emprestado de alguém que não fosse meu pai, que deixava pagar como quisessem, se quisessem. Ela abriu a porta com o sorriso treinado, já que hospedava viajantes. O sorriso sumiu ao me ver.

— O que foi? — perguntou, ríspida.

Achou que eu tinha vindo mendigar.

— Minha mãe está doente, Panova — falei, educada, para deixá-la pensar nisso por mais um momento e então se sentir aliviada, quando enfim acrescentei: — Vim comprar comida. Quanto pelo caldo?

Perguntei o preço dos ovos depois, e do pão, como se estivesse pensando no que conseguiria comprar com poucas moedas, e como ela não tinha como saber o contrário, disse os valores sem dobrar nada. Depois ficou irritada quando finalmente contei 6 moedas por uma panela de caldo quente com meio frango dentro, 3 ovos

frescos, um pão macio e uma tigela de favo de mel coberta por um pano. Mas me deu tudo, contrariada, e carreguei os alimentos pelo longo caminho até nossa casa.

Meu pai tinha chegado antes de mim; alimentava o fogo e ergueu os olhos, preocupado, quando empurrei a porta. Ele olhou para os meus braços cheios de comida e lã vermelha. Depositei tudo, coloquei o resto das moedas e o único copeque de prata no jarro ao lado da lareira, onde quase não havia mais nada, e entreguei a ele a lista com os pagamentos anotados. Depois, fui cuidar de deixar minha mãe confortável.



Depois disso, eu me tornei a prestamista da nossa aldeia. Fui uma das boas e muita gente nos devia dinheiro, então, muito cedo, a palha do nosso chão foi trocada por tábuas lisas de madeira dourada, as fendas da lareira foram preenchidas com boa argila, o telhado ganhou uma nova camada de sapé e minha mãe passou a ter um manto de pele para dormir ou para vestir, e assim manter o peito aquecido. Ela não gostou nem um pouco, e meu pai também não: foi lá para fora e chorou baixinho, sozinho, no dia em que levei o manto para casa. Odeta, a mulher do padeiro, o oferecera como pagamento integral da dívida da família. Era lindo, castanhos claros e escuros entremeados; ela o trouxera quando se casara, feito de arminhos que o pai caçara nas florestas do boiardo.

Essa parte da velha história se mostrou verdadeira: é preciso ser cruel para ser uma boa prestamista. Mas eu estava pronta para ser tão impiedosa com nossos vizinhos quanto eles haviam sido com meu pai. Eu não tomava exatamente os filhos primogênitos, mas, uma semana depois da primavera chegar de verdade, quando as estradas enfim estavam desobstruídas, fui até a casa de um dos camponeses dos campos distantes, e ele não tinha nada com que me pagar, nem mesmo um pão sobrando. Gorek tomara emprestados 6 copeques de prata, uma quantia que ele nunca pagaria, nem produzindo safra todo santo ano pelo resto da vida; eu não acreditava que ele já tivesse segurado mais de 5 moedas de cobre de uma vez.

Tentou me expulsar de casa com xingamentos, de modo casual, como muitos faziam, mas quando me mantive firme e disse que a lei viria atrás dele, a voz ganhou um desespero real.

— Tenho quatro bocas para alimentar! — disse. — Não dá para tirar leite de pedra!

Eu deveria ter sentido pena, imagino. Meu pai teria, minha mãe também, mas, envolta no meu frio, eu só sentia o perigo do momento. Se eu o perdoasse, aceitasse desculpas, na semana seguinte todos teriam uma desculpa; vi tudo se desfazendo outra vez a partir dali.

Então, a filha alta dele entrou tropeçando, um lenço cobrindo as longas tranças loiras e um jugo pesado sobre os ombros, carregando dois baldes de água, o dobro do que eu conseguia trazer quando ia buscar água no poço. Eu disse:

— Então sua filha virá trabalhar na minha casa para pagar a dívida, por meia moeda de cobre por dia.

E voltei para casa satisfeita como um gato, até dancei alguns passos sozinha na estrada, sob as árvores.

O nome dela era Wanda. Veio em silêncio ao amanhecer do dia seguinte, trabalhou como um boi até a hora do jantar e foi embora em silêncio; manteve a cabeça baixa o tempo todo. Era muito forte e assumiu quase todo o peso do trabalho da casa, mesmo só naquele meio período. Carregou água, cortou lenha, cuidou do pequeno bando de galinhas que agora ciscavam no nosso quintal, esfregou o chão, a lareira, todas as panelas, e eu fiquei plenamente satisfeita com a solução.

Depois que ela foi embora, pela primeira vez na vida ouvi minha mãe falar com meu pai em tom de ira, de censura, como não fizera nem quando estava mais fria e doente.

— E você não se importa com o que isso faz com ela? — Ouvi-a gritar para ele, a voz ainda rouca, enquanto eu batia o barro dos calcanhares das botas no portão; sem o trabalho da manhã, eu pegara um burro emprestado para ir até as aldeias mais distantes cobrar dinheiro de gente que provavelmente achava que ninguém nunca voltaria para fazer isso. O centeio de inverno já estava colhido, e eu trazia dois sacos cheios de grãos, mais dois de lã e uma grande sacola das avelãs favoritas da minha mãe, guardadas frescas o inverno

inteiro ao relento, além de um quebra-nozes antigo, mas bom, de ferro, para não precisarmos mais quebrá-las com o martelo.

— O que quer que eu diga a ela? — gritou ele de volta. — O quê? “Não, você vai passar fome”; “não, você vai passar frio e vestir trapos”?

— Se tivesse frieza para fazer você mesmo, poderia ter frieza para deixá-la fazer — disse minha mãe. — Nossa filha, Josef!

Naquela noite, meu pai tentou me dizer algo em voz baixa, tropeçando nas palavras: que eu já fizera o suficiente, que aquilo não era meu trabalho, que no dia seguinte eu ficaria em casa. Não levantei os olhos enquanto tirava as cascas das avelãs e não respondi, mantendo o frio apertado sob as costelas. Pensei na voz rouca da minha mãe, e não nas palavras que ela dissera. Depois de um instante, ele se calou. O frio em mim o encontrou e o fez recuar, como fizera com os outros na aldeia quando pedira o que lhe era devido.



CAPÍTULO 2

Papai dizia com frequência que ia ao prestamista. Pegava dinheiro para um arado novo, para comprar porcos ou uma vaca leiteira. Eu não sabia realmente o que era dinheiro. Nosso casebre ficava longe da cidade e pagávamos tributo em sacos de grãos. Papai fazia aquilo parecer mágica, mas mamãe dizia que era perigoso.

— Não vá, Gorek — ela dizia. — Sempre tem confusão onde há dívida, cedo ou tarde.

Então papai berrava para ela cuidar da própria vida e lhe dava um tapa, mas não ia.

Ele foi quando eu tinha 11 anos. Outro bebê chegara e se fora na mesma noite, e mamãe estava doente. Não precisávamos de outro bebê. Já tínhamos Sergey e Stepon e os quatro que estavam enterrados perto da árvore branca. Papai sempre enterrava os bebês ali, apesar de a terra ser dura de cavar, porque não queria desperdiçar terreno de plantio. Não podia plantar nada muito perto da árvore branca, de qualquer forma. Ela devorava tudo ao redor. As mudas de centeio brotavam e, numa manhã fria, estavam todas mirradas, e a árvore branca ganhava mais algumas folhas brancas. E ele não podia cortá-la. Era toda branca, então pertencia aos Staryk. Se a derrubasse, eles viriam matá-lo. Então, tudo o que podíamos plantar ali eram os bebês mortos.

Depois que papai voltou para dentro, furioso e suando por enterrar o novo bebê morto, ele disse em voz alta:

— Sua mãe precisa de remédio. Vou ao prestamista.

Nós nos olhamos, eu, Sergey e Stepon. Eles eram pequenos, assustados demais para dizer qualquer coisa, e mamãe estava doente demais para dizer qualquer coisa. Eu também não disse nada. Mamãe ainda estava deitada na cama, havia sangue e ela ardia de febre, vermelha. Não disse nada quando falei com ela. Só tossiu. Eu queria que papai trouxesse alguma magia e a fizesse se levantar e ficar bem de novo.

Então ele foi. Na cidade, gastou 2 copeques bebendo e perdeu outros 2 apostando antes de voltar com o médico, que pegou os últimos 2 copeques e me deu um pó para misturar com água quente e dar à mamãe. Não deteve a febre. Três dias depois, eu tentava dar água a ela. Estava tossindo de novo.

— Mamãe, beba um pouco de água — eu disse.

Ela não abriu os olhos. Colocou a mão grande na minha cabeça, estranha, solta e pesada, e então morreu. Fiquei sentada com ela o resto do dia até papai voltar dos campos. Ele a olhou em silêncio, e então me disse:

— Troque a palha.

Pôs o corpo dela no ombro como quem carrega batatas, levou-a até a árvore branca e a enterrou ao lado dos bebês mortos.

O prestamista veio alguns meses depois e pediu o dinheiro de volta. Eu o deixei entrar quando chegou. Sabia que ele era um servo do diabo, mas não tinha medo dele. Era muito magro, mãos, corpo e rosto. Mamãe tinha um ícone preso na parede, entalhado num galho fino. Ele parecia aquilo. Sua voz era baixa. Dei-lhe uma xícara de chá e um pedaço de pão porque me lembrava de que mamãe sempre dava algo para as pessoas comerem quando vinham à nossa casa.

Quando papai voltou, expulsou o prestamista aos berros. Depois, me deu cinco palmadas fortes com o cinto por tê-lo deixando entrar e, pior ainda, por tê-lo alimentado.

— Para que ele veio aqui? Não dá para tirar leite de pedra — disse, guardando o cinto.

Mantive o rosto no avental da minha mãe até parar de chorar.

Ele dizia a mesma coisa quando o coletor de impostos vinha à nossa casa, mas só entre dentes. O coletor sempre aparecia no dia

em que trazíamos para dentro o último grão da colheita, de inverno e de primavera. Eu não sabia como ele sempre sabia, mas sabia. Depois que ia embora, o tributo estava pago. O que ele não levava era o que tínhamos para viver. Nunca era muito. No inverno, mamãe dizia ao papai:

— Vamos comer isto em novembro, e aquilo em dezembro.
— E apontava para isto e aquilo até dividir tudo até a primavera.

Mas mamãe não estava mais lá, então papai levou um dos cabritinhos para a cidade. Naquela noite, voltou muito tarde e bêbado. Estávamos dormindo na casa, perto do forno, e ele tropeçou em Stepon quando entrou. Stepon chorou e então papai ficou furioso, tirou o cinto e bateu em todos nós até corrermos para fora. A cabra-mãe parou de dar leite, e ficamos sem comida no fim do inverno. Precisamos cavar a neve para achar nozes velhas até chegar a primavera.

Mas, no inverno seguinte, quando o coletor veio, papai levou um saco de grãos para a cidade mesmo assim. Todos fomos dormir no galpão com as cabras. Sergey e Stepon ficaram bem, mas papai me bateu no dia seguinte mesmo assim, só porque seu jantar não estava pronto quando voltou para casa. Então, no ano seguinte, esperei dentro de casa até ver papai descendo a estrada. Carregava um lampião que balançava em círculos largos, porque estava muito bêbado. Coloquei a comida quente numa tigela sobre a mesa e corri para fora. Já estava escuro, mas não levei uma vela porque não queria que papai me visse saindo.

Eu pretendia ir para o galpão, mas fiquei olhando para trás para ver se papai vinha atrás de mim. O lampião dele balançava dentro da casa, fazendo das janelas olhos que pareciam me procurar. Mas então parou de se mover, o que significava que ele o havia colocado sobre a mesa. Achei que estava a salvo. Comecei a olhar para onde pisava, mas não conseguia ver no escuro, porque estivera olhando para as janelas iluminadas, e não estava no caminho do galpão. Estava na neve funda. Não se ouviam as cabras nem mesmo os porcos. Era uma noite escura.

Achei que acabaria chegando à cerca ou à estrada, mais cedo ou mais tarde. Fui andando com as mãos estendidas para alcançar a cerca, mas não a encontrei. Estava escuro e, primeiro, senti medo;

depois, só senti frio; e então comecei a ficar com sono. Os dedos dos pés estavam dormentes. A neve entrava pelas frestas entre as tiras de madeira trançadas dos meus sapatos.

Então, adiante, vi uma luz. Fui até ela. Estava perto da árvore branca. Os galhos eram finos, e todas as folhas brancas ainda estavam neles, embora fosse inverno. O vento as balançava e elas faziam um som como um sussurro baixo demais para entender. Do outro lado da árvore havia uma estrada larga, muito lisa, como gelo, e brilhante. Eu sabia que era a estrada dos Staryk. Mas era tão bonita, e eu ainda me sentia tão estranha, tão fria e sonolenta... Não me lembrei de ter medo. Fui andando até ela.

As sepulturas ficavam enfileiradas sob a árvore. Havia uma pedra chata no alto de cada uma. Mamãe as tirara do rio para os outros. Eu tirei uma para ela e uma para o último bebê. As deles eram menores porque eu ainda não conseguia carregar pedras grandes como mamãe. Quando pisei por cima da fileira de pedras para ir até a estrada, um galho da árvore bateu nos meus ombros. Caí com força. Todo o ar saiu do meu peito. O vento soprou as folhas brancas e eu as ouvi dizer: *Corra para casa, Wanda!* Então não estava mais sonolenta, e fiquei tão assustada que me levantei e corri o caminho inteiro de volta para casa. Eu a via de longe porque o lampião ainda estava na janela. Papai já roncava em sua cama.



Um ano depois, o velho Jakob, nosso vizinho, veio até a casa e pediu a papai por mim. Queria que lhe desse também uma cabra, então papai o expulsou de casa, dizendo:

— Uma virgem, saudável, com as costas fortes, e ele ainda quer uma cabra minha!

Depois disso, trabalhei muito. Assumi o máximo do trabalho de papai que consegui. Eu não queria formar outra fileira de bebês mortos e morrer também. Mas cresci, meu cabelo era loiro e comprido, e meus seios apareceram. Mais dois homens me pediram em casamento nos dois anos seguintes. O último eu nem conhecia. Veio do outro lado da cidade, a quase dez quilômetros. Chegou até a oferecer um porco como preço de noiva. Mas meu trabalho

duro já tinha deixado papai ganancioso, e ele pediu três porcos. O homem cuspiu no chão e saiu da casa.

As colheitas, porém, estavam indo muito mal. A neve derretia cada vez mais tarde na primavera e chegava mais cedo no outono. Depois que o coletor de impostos pegava sua parte, não sobrava muito para beber. Eu aprendera a esconder comida em alguns lugares, para não passarmos tanta fome no inverno quanto no primeiro ano, mas Sergey, Stepon e eu estávamos crescendo. No ano em que completei 16, depois da colheita da primavera, papai voltou da cidade só meio bêbado e azedo. Não me bateu, mas me olhou como se eu fosse um dos porcos, pesando meu valor na cabeça.

— Você vai ao mercado comigo na semana que vem — ele disse.

No dia seguinte, fui até a árvore branca. Eu ficara longe dela desde a noite em que vi a estrada dos Staryk, mas naquele dia esperei até o sol estar alto. Então disse que ia buscar água, mas fui à árvore. Ajoelhei sob os galhos e disse:

— Ajude-me, mamãe.

Dois dias depois, a filha do prestamista veio até a casa. Era como o pai, um galho fino, com cabelos castanho-escuros e bochechas estreitas. Não chegava ao ombro de papai, mas ficou diante da porta, lançando uma sombra comprida para dentro da casa, e disse que acionaria a lei contra ele se não pagasse o que devia. Papai gritou com ela, mas ela não teve medo. Quando terminou de dizer que não havia leite a tirar de pedra alguma, e de mostrar o armário vazio, a moça disse:

— Então sua filha virá trabalhar para mim, para pagar a dívida.

Quando ela se foi, voltei à árvore branca e disse:

— Obrigada, mamãe.

E, entre as raízes, enterrei uma maçã, uma maçã inteira, embora eu estivesse com tanta fome que poderia tê-la comido com todas as sementes. Acima da minha cabeça, uma única flor branca, bem pequena, brotou da árvore.

Fui à casa do prestamista na manhã seguinte. Tinha medo de ir sozinha até a cidade, mas era melhor do que ir ao mercado com papai. Eu nem precisei ir muito longe: a casa deles era a primeira saída da floresta. Era grande, com dois cômodos e um piso de tábuas lisas de madeira fresca, cheirando bem. A mulher do prestamista

estava deitada no quarto dos fundos. Estava doente e tossindo, um som que fez meus ombros tensionarem.

A filha do prestamista se chamava Miryem. Naquela manhã, ela pôs uma panela de sopa no fogo, enchendo o casebre com um cheiro que fez meu estômago vazio se apertar como um nó. Depois, pegou a massa que deixara crescendo no canto e saiu. Voltou no fim da tarde, o rosto sério e os sapatos cheios de poeira, com um pão castanho-escuro recém-saído dos fornos do padeiro, um balde de leite, um prato de manteiga e um saco de maçãs sobre os ombros. Pôs pratos na mesa e colocou um para mim, o que eu não esperava. O prestamista entouo um feitiço sobre o pão quando nos sentamos, mas eu o comi mesmo assim. Tinha um gosto bom.

Tentei fazer o máximo que pude, para que quisessem que eu voltasse. Antes de eu sair da casa, a mulher do prestamista me disse, com a voz rouca pela tosse:

— Vai me dizer seu nome?

Depois de um momento, eu disse e ela replicou:

— Obrigada, Wanda. Você ajudou muito — falou.

Depois que saí da casa, ouvi-a dizer que eu trabalhara tanto que logo a dívida estaria paga. Parei para ouvir pela janela.

Miryem disse:

— Ele pegou 6 copeques emprestados! A meia moeda de cobre por dia, ela levará 4 anos para pagar. Não venha me dizer que não é um salário justo, quando ela ainda janta com a gente.

Quatro anos! Meu coração ficou leve como os pássaros.



CAPÍTULO 3

As lufadas de neve e a tosse da minha mãe continuaram voltando durante toda a primavera, mas enfim os dias esquentaram, e a tosse desapareceu ao mesmo tempo, afogada em chá quente e repouso. Assim que conseguiu cantar de novo, ela me disse:

— Miryem, na semana que vem, vamos visitar meu pai.

Era desespero dela, tentando me arrancar do meu trabalho. Eu não queria ir, mas queria ver minha avó e mostrar a ela que a filha não dormia mais fria e congelada, que a neta não andava mais como uma mendiga; queria visitá-la sem vê-la chorar, pela primeira vez. Fiz minhas rondas uma última vez e contei a todos que iria para a cidade, e que teria de acrescentar juro extras pelas semanas em que estaria ausente, a menos que deixassem os pagamentos em nossa casa enquanto eu estivesse fora. Disse à Wanda que ela ainda tinha de vir todos os dias, preparar o jantar de meu pai, alimentar as galinhas e limpar a casa e o quintal. Ela assentiu em silêncio, sem discutir.

Então viajamos para a casa do meu avô, mas dessa vez contratei Oleg para nos levar o caminho inteiro com seus bons cavalos e seu trenó confortável, cheio de palha e cobertores, com sinos tilintando no arreio e um manto de pele estendido por cima de tudo para cortar o vento.

Minha avó veio para fora, surpresa, quando paramos diante da casa, e minha mãe se aninhou nos braços dela, em silêncio, escondendo o rosto.

— Entrem e se aqueçam — disse minha avó, olhando para o trem e para os nossos vestidos novos de boa lã vermelha, enfeitados com pele de coelho, e o botão dourado na gola do meu, que viera do baú do tecelão.

Ela me mandou levar água quente ao escritório de meu avô, para poder falar com minha mãe sozinha. Meu avô raramente fazia mais que resmungar para mim e me olhar de cima a baixo, desaprovando os vestidos que minha avó comprava. Não sei como eu sabia o que ele pensava de meu pai; não me lembro de ele jamais ter dito uma palavra sobre isso, mas eu sabia.

Dessa vez, ele me examinou por baixo das sobranceiras eriçadas e franziu o rosto.

— Pele agora? E ouro?

Devo dizer que fui criada com boas maneiras, e sabia que não devia responder ao meu avô. Mas já estava irritada porque minha mãe estava aflita e minha avó não estava satisfeita, e agora ele vinha implicar comigo, logo ele.

— Por que eu não deveria ter, em vez de alguém que comprou com o dinheiro do meu pai? — respondi.

Meu avô ficou tão surpreso quanto se pode esperar que fique um avô ao ser respondido assim, mas então ouviu o que eu disse e tornou a franzir a testa.

— Seu pai comprou isso para você, então?

Lealdade e amor fecharam minha boca, e baixei os olhos, terminando em silêncio de despejar a água quente no samovar e trocar o chá. Meu avô não me impediu de sair, mas na manhã seguinte ele já sabia toda a história, de algum jeito: que eu assumira o trabalho do meu pai. E de repente estava satisfeito comigo, como nunca estivera antes, e como ninguém mais estava.

As outras duas filhas dele tinham se casado melhor que minha mãe, com homens ricos da cidade que tinham bons ofícios, mas nenhuma delas lhe dera um neto que quisesse assumir o negócio dele. Na cidade, havia gente suficiente do nosso povo para podermos ser outra coisa que não banqueiros ou lavradores que cultivavam a própria comida. O povo da cidade era mais disposto a comprar nossas mercadorias, e havia um mercado próspero no nosso bairro, atrás do nosso muro.

— Não é apropriado para uma moça — tentou minha avó, mas meu avô resmungou.

— O ouro não distingue a mão que o segura — disse ele, e me lançou um olhar carrancudo, mas satisfeito. — Você vai precisar de criados. Um, para começar; um homem ou uma mulher, forte e simples, que não se importe em trabalhar para uma judia. Consegue encontrar alguém?

— Sim — respondi, pensando em Wanda. Ela já estava acostumada a vir, e em nossa aldeia não havia muitas outras oportunidades para a filha de um camponês pobre ganhar salário.

— Ótimo. E não vá mais você mesma buscar o dinheiro — ele continuou. — Mande o criado, e se os devedores quiserem discutir, que venham até sua casa. Arrume uma mesa, para poder se sentar atrás dela enquanto eles ficam de pé.

Assenti, e quando voltamos para casa, ele me deu uma bolsa cheia de moedas de cobre, 5 copeques ao todo, para emprestar às aldeias vizinhas que não tinham seu próprio prestamista. Quando chegamos, perguntei ao meu pai se Wanda viera enquanto eu estava fora. Ele me olhou com tristeza, os olhos fundos e pesarosos, embora já não passássemos fome havia meses, e disse, baixinho:

— Veio. Eu disse que não precisava, mas ela veio todos os dias.

Satisfeita, falei com ela naquele dia, depois de ela terminar o trabalho. O pai de Wanda era um homem enorme, e ela também era alta e de ombros largos, mãos grandes e quadradas, vermelhas do trabalho, as unhas curtas, o rosto sujo e o cabelo loiro comprido escondido sob um lenço, apagada, silenciosa, pesada como um boi.

— Quero ter mais tempo para cuidar das contas — eu disse. — Preciso de alguém que faça as cobranças por mim. Se você quiser o trabalho, vou lhe pagar uma moeda por dia, em vez de metade.

Ela ficou parada um bom tempo, como se não tivesse certeza de ter entendido.

— A dívida do meu pai seria quitada mais cedo — disse por fim, como se estivesse confirmando.

— Quando estiver quitada, continuarei pagando você — eu disse, meio imprudente. Mas se Wanda fizesse as cobranças, eu poderia dar uma volta pelas aldeias vizinhas e fazer novos empréstimos.

Eu queria emprestar aquele pequeno lago de prata que meu avô me dera e fazer um rio de moedas voltar para mim.

Wanda ficou em silêncio de novo, depois disse:

— Você vai me dar moeda?

— Sim — eu disse. — E então?

Ela assentiu, e eu assenti de volta. Não ofereci a mão; ninguém apertaria a mão de uma judia, e, de qualquer forma, eu sabia que seria mentira se o fizessem. Se Wanda não cumprisse o acordo, eu deixaria de pagá-la; essa era a melhor garantia que eu poderia desejar.



Papai estava zangado e carrancudo desde que comecei a trabalhar na casa do prestamista. Ele já não podia me vender para ninguém, e eu não estava em casa para trabalhar, e ainda assim não tínhamos muita coisa para comer. Ele gritava mais e a mão dele pesava mais. Stepon e Sergey passavam a maior parte do tempo com as cabras. Eu me desviava o quanto podia e suportava o resto em silêncio. Fechava a boca contando. Se 4 anos teriam quitado a dívida do meu pai, a meia moeda por dia, então agora 2 anos bastariam. Dois anos eram 6 copeques. E eu podia trabalhar mais 2 anos, antes de meu pai achar que a dívida estava paga. Eu teria 6 copeques. Seis copeques de prata, meus.

Eu só havia visto tanto dinheiro uma vez, de relance, quando meu pai deixou duas moedas escorregarem, brilhando, para a mão aberta do médico. Talvez, se ele não tivesse bebido e perdido as outras quatro no jogo, aquilo teria bastado.

Eu não me incomodava de ir bater às portas de estranhos e pedir dinheiro. Não era eu que pedia, era Miryem, e o dinheiro era dela, e ela ia me dar uma parte. Em pé nas soleiras, eu podia ver lá para dentro: móveis bonitos, fogueiras quentes. Ninguém naquelas casas tossia.

— Venho da parte da prestamista — eu dizia, e contava quanto eles deviam, e não dizia nada quando tentavam me dizer que o número estava errado. Em algumas casas, falavam que não podiam

pagar, e eu dizia que então precisavam ir falar com ela na casa dela, se não quisessem que o caso fosse para a Justiça. Aí acabavam me dando alguma coisa, afinal, então tinham mentido, e eu me incomodava ainda menos.

Eu carregava um cesto grande e firme, e punha dentro tudo o que me davam. Miryem tinha medo de que eu esquecesse quem tinha dado o quê, mas eu não esquecia. Lembrava-me de cada moeda e de todas as coisas que entregavam. Ela anotava tudo no livro preto grande, a pena grossa de ganso arranhando firme em sua mão, sem parar. No dia de mercado, ela separava o que não queria manter, e eu a seguia com o cesto até a cidade. Ela vendia e trocava até o cesto ficar vazio e a bolsa que levava ficar cheia, transformando pano, frutas e botões em moedas. Às vezes, dava um passo a mais antes disso: se um camponês lhe dava dez meadas de lã, ela levava para uma tecelã que lhe devia dinheiro e fazia a mulher abater uma parte da dívida transformando a lã em manto; depois vendia o manto no mercado.

No fim do dia, ela despejava um lago de moedas no chão e as enrolava em papel para transformá-las em prata; um rolo do comprimento do meu dedo anelar valia um copeque. Eu sabia porque, quando ela levava aquele rolo para o mercado da vez seguinte, bem cedo de manhã, encontrava um mercador que vinha de fora da cidade, ainda armando a barraca, e dava o rolo a ele. Ele abria o papel, contava os centavos e então lhe dava um copeque de prata em troca. As moedas de prata ela não gastava nem trocava no mercado; levava-as para casa e também as enrolava em papel, e um rolo do comprimento do meu dedo mindinho valia uma moeda de ouro. Ela guardava tudo na bolsa de couro que o avô lhe dera. Eu nunca via essa bolsa, a não ser nos dias de mercado. Nesses dias, ela ficava em cima da mesa quando eu chegava e continuava lá até depois de eu ir embora. Ela não a escondia nem tirava do lugar onde eu podia vê-la, e o pai e a mãe nunca a tocavam.

Eu não entendia como ela adivinhava quanto cada coisa valeria para outra pessoa, quando ela mesma não queria ficar com aquilo. Mas, pouco a pouco, aprendi a ler os números que ela escrevia no livro quando avaliava os pagamentos e, quando eu ouvia o preço que ela conseguia no mercado, os dois quase sempre batiam.

Eu queria entender como ela fazia. Mas não perguntava. Sabia que ela só me considerava um cavalo ou um boi, algo pesado, silencioso e forte. Eu mesma me sentia assim perto dela e da família. Na casa deles, parecia que falavam o dia inteiro. Falavam, cantavam, até discutiam. Mas nunca havia gritos nem mãos erguidas. Estavam sempre tocando uns nos outros. A mãe dela punha a mão na bochecha de Miryem, ou o pai beijava sua cabeça sempre que ela passava por perto. Às vezes, quando eu saía da casa deles no fim do dia, já longe, pelos campos, fora do alcance dos olhos de qualquer um, eu punha minha mão na nuca, a mão que tinha ficado grande, pesada e forte, e tentava lembrar a sensação da mão da minha mãe.

Na minha casa só havia um silêncio duro como terra batida. Havíamos passado um pouco de fome o inverno inteiro, até eu, mesmo com o jantar extra, pois ele vinha com uma caminhada de quase dez quilômetros. Agora era primavera, mas ainda estávamos todos com fome. Quando eu voltava para casa, catava cogumelos e, se tivesse sorte, algum nabo-bravo e o que quer que houvesse de folhas verdes pelo caminho. Não eram muitas. A maioria não dava para comer. Essas iam para as cabras. No nosso quintal, eu cavava algumas das batatas novas, jovens demais para valer a pena comer, mas a gente comia mesmo assim. Eu cortava o menor pedacinho com um olho e tornava a enterrá-lo. Entrava em casa e aticava as brasas sob a panela que eu tinha posto no fogo de manhã, com nosso repolho. Jogava dentro os pedaços pequenos de batata e o que mais tivesse encontrado. A gente comia sentados em volta da mesa, de cabeça baixa, sem dizer nada.

Nada crescia direito. A terra continuou dura e fria até abril, e o centeio cresceu devagar. Quando papai finalmente pôde começar a plantar feijão, uma semana depois voltou a cair neve e matou metade das plantas. Naquela manhã, quando acordei, achei que ainda era noite. Mas estava tudo cinza lá fora, e nevava tanto que não se via a cerca do vizinho. Papai começou a praguejar e nos arrancou da cama a safanões. Corremos todos para fora para trazer as cabras para dentro, os cinco cabritinhos. Um já estava morto. Os outros trouxemos para a casa com as mães. Eles berravam e mastigavam nossos cobertores e quase caíam no fogo, mas ficaram vivos. Depois que a neve parou, esfolamos o morto e salgamos o

pouco de carne que tinha. Fiz sopa com os ossos, e comemos o fígado e os pulmões. Por um dia, não tivemos fome.

Sergey podia ter comido o triplo de sua parte. Ele também já começava a ficar grande. Eu achava que ele estava caçando às escondidas, mesmo sabendo que podia ser enforcado por caçar em terra alheia, ou coisa pior, se fosse na floresta. Os únicos animais que podíamos tirar da floresta eram os marcados, com alguma mancha preta ou marrom. Mas quase não havia mais desses, e os animais brancos, todos brancos, pertenciam aos Staryk. Eu não sabia o que fariam com quem caçasse as criaturas deles, porque ninguém fazia isso, mas sabia que fariam alguma coisa. Não se podia tomar dos Staryk nada que fosse deles. Vinham roubar das pessoas, mas não gostavam quando alguém roubava deles.

Sergey, porém, às vezes entrava e comia sem levantar a cabeça, sem parar, a parte inteira, do mesmo jeito que eu comia a minha. Como se soubesse que já tinha comido mais do que os outros à mesa. Então eu achava que ele andava caçando em lugares onde ninguém via. Não dizia para ele não fazer; ele sabia. De todo modo, nossa casa não era como a do prestamista. Eu não pensava na palavra “amor”. O amor tinha sido enterrado com a minha mãe. Sergey e Stepon eram só mais alguns dos bebês que deixaram minha mãe doente. Não morreram, mas por isso mesmo haviam lhe dado ainda mais trabalho, e agora a mim. Eles comiam parte da comida, e eu é que tinha de fiar a lã das cabras, tricotar e lavar as roupas deles. Então não me preocupava muito com o que aconteceria se os Staryk fizessem algo com Sergey. Até pensei que talvez devesse dizer para ele me trazer os ossos para fazer sopa, mas depois pensei: se todos comêssemos, todos seríamos culpados, e não valia a pena só por uns ossos quebrados que ele já tinha roído até o fim.

Mas Stepon amava Sergey. Eu havia obrigado Sergey a cuidar dele quando minha mãe morreu. Eu tinha 11 anos e já sabia fiar, e Sergey tinha só 7, então papai deixou. Quando Sergey ficou grande o bastante para ir aos campos, já tinha se acostumado a aturar Stepon e não o empurrou de volta para mim. Stepon o seguia e ficava fora do caminho, levando água para os dois. Ajudava com as cabras e, juntos, conseguiam dormir abrigados fora de casa, se meu

pai estivesse bravo, até no inverno. Sergey dava uns tapas nele de vez em quando, mas não muito fortes.

Então Stepon veio falar comigo no dia em que Sergey adoeceu. Ainda não era meio-dia. Eu estava trabalhando no jardim do prestamista, cortando as cabeças dos repolhos. Eles ainda não estavam realmente no ponto, mas naquela noite havia geado um pouco, mesmo sendo começo de outono, e Miryem dissera que era melhor recolher o que ainda se salvasse. Eu estava de olho na porta. Logo ela se abria e a mulher do prestamista me chamaria para dentro, para o almoço. Naquela manhã, eu encontrara uma casca de pão duro misturada ao grão que ia para as galinhas, e a peguei para mim e roí aos poucos, amolecendo na boca com goles de água do tonel de chuva, fria debaixo de uma crosta de gelo, mas minha barriga ainda estava encolhida. Eu estava olhando para a porta de novo quando Stepon gritou:

— Wanda! — Ele se apoiava na cerca, respirando em golfadas.
— Wanda!

Quando gritou meu nome, eu estremeci como se papai tivesse batido nas minhas costas com uma vara.

— O que foi? — perguntei. Estava com raiva de Stepon por ter vindo. Não queria que ele estivesse ali.

— Wanda, vem — disse, acenando para mim. Nunca falava muito. Sergey entendia o que ele queria sem palavras, na maior parte do tempo, e quando meu pai enchia a casa com a própria voz, ele saía, se pudesse. — Wanda, vem.

— Aconteceu alguma coisa em casa? — A mulher do prestamista estava parada na soleira, com um xale nos ombros contra o frio. — Vá, Wanda. Eu digo à Miryem que mandei você para casa.

Eu não queria ir. Imaginei que tivesse acontecido alguma coisa com Sergey, pois era por isso que Stepon viria. Não queria abrir mão do meu jantar para ir ajudar Sergey, que nunca tinha me ajudado. Mas eu não podia dizer isso à mulher do prestamista. Levantei e saí pelo portão em silêncio e, depois que já estávamos mais adiante na estrada e dentro da mata, sacudi Stepon e disse, furiosa:

— Nunca mais venha atrás de mim.

Ele tinha só 10 anos, ainda pequeno o bastante para eu sacudi-lo.

Mas ele só agarrou minha mão e me puxou adiante. Fui com ele. Não havia nada mais que eu pudesse fazer além de ir para casa e contar a papai que Sergey tinha arrumado encrenca, e isso eu não faria. Sergey não era alguém que eu amava, mas não contaria nada de mim para papai, e eu não contaria nada dele. Stepon não parava de tentar correr. Comecei a pegar o desespero dele; eu mesma corria um trecho sem pensar, e então parava, e ele parava para tomar fôlego, e depois me punha em marcha de novo. Fizemos os quase dez quilômetros em só uma hora. Pouco antes de chegarmos em casa, ele começou a me tirar da estrada, para dentro da floresta. Então comecei a ficar alerta.

— O que aconteceu com ele? — exigi saber.

— Ele não levanta — disse Stepon.

Sergey estava no riacho onde, às vezes, tínhamos de ir buscar água no verão, se o curso mais perto secasse. Estava deitado de lado na margem. Não parecia estar dormindo. Seus olhos estavam abertos e, quando pus o dedo nos lábios dele, pude sentir que respirava, mas não se mexia. Os braços estavam pesados e frouxos quando tentei levantar um. Olhei ao redor. Ao lado dele, havia um coelho branco morto, com metade do corpo na água e um pedaço de corda áspera de pelo de cabra enrolado na pata. Não tinha nenhuma mancha. Havia geada por todos os caminhos e gelo se espalhando pelas bordas do riacho. Então eu soube que os Staryk o tinham pego caçando e levado embora sua alma.

Pus o braço dele de volta no chão. Stepon me olhou como se achasse que eu fosse fazer alguma coisa. Mas não havia o que fazer. O padre não viria nos ajudar tão longe da cidade e, de qualquer jeito, Sergey roubara sabendo muito bem o que fazia. Eu não achava que Deus ia salvar alguém dos Staryk quando a culpa era da própria pessoa.

Eu não disse nada. Stepon também não, mas continuou me encarando, como se soubesse que eu podia fazer alguma coisa, até eu começar a sentir, na boca do estômago, que podia mesmo, embora não quisesse. Cerrei os dentes e tentei não pensar em nada para tentar, e então tentei acordar Sergey com tapas, depois jogando água fria no rosto, mesmo sabendo que não adiantaria. E não adiantou. Ele não se mexeu. A água escorreu pelo rosto, e algumas

gotas entraram nos olhos dele e saíram de novo como lágrimas, mas ele não estava chorando, só estava ali deitado, vazio como um tronco morto apodrecido por dentro.

Stepon não olhava para Sergey. Ficou me olhando o tempo todo, quase sem piscar. Eu quis dar um tapa nele ou correr atrás dele com um pedaço de pau. Que bem qualquer um dos dois já tinha me feito para eu dever alguma coisa a eles? Parei de tentar e fiquei em pé, com as mãos fechadas em punhos, e então disse palavras que tinham gosto de nozes velhas e podres:

— Segure as pernas dele.

Sergey ainda não era grande demais para nós o carregarmos juntos. Eu o empurrei de costas, peguei-o pelas axilas e Stepon pôs os tornozelos dele nos ombros magros. Juntos, carregamos Sergey devagar pela floresta inteira até a beira do nosso campo, até a árvore branca. Eu estava com mais raiva quando chegamos do que quando começamos. Caí três vezes na mata, andando de costas com o peso dele puxando minhas mãos, tropeçando em raízes e escorregando na lama meio congelada. Machuquei-me numa pedra, me sujei inteira de terra e de bagas venenosas esmagadas, que eu teria de esfregar da roupa depois. Mas não era isso que me deixava com raiva. Eles a tiraram de mim, todos eles: Sergey, Stepon e o resto daqueles meninos mortos na terra. Haviam levado minha mãe. Eu nunca quis dividi-la com eles. Que direito tinham?

Mas não disse nada em voz alta. Deixei os ombros de Sergey caírem no chão junto à sepultura de nossa mãe, ao pé da árvore branca, e fiquei ali, diante dela, e disse:

— Mamãe, Sergey está doente.

O ar estava parado e frio. À nossa frente, o centeio mal começava a despontar num campo comprido, meio verde, se estendendo adiante, as plantas muito menores do que deviam ser, e eu via a fumaça da nossa casa subindo numa linha cinzenta reta. Nosso pai não estava à vista. Não havia vento nenhum, mas a árvore branca suspirou, os galhos tremeram e um pedacinho da casca se ergueu numa ponta. Peguei ali e arranquei do tronco uma tira comprida.

Carregamos Sergey de novo e o levamos o resto do caminho até o nosso riacho, e mandei Stepon ir em casa buscar uma brasa acesa e uma caneca. Juntei capim seco e gravetos mortos em um

montinho e, quando Stepon voltou, acendi uma pequena fogueira e fiz um chá com a casca. A água ficou turva como cinza e um cheiro de terra subiu da caneca; então levantamos a cabeça de Sergey e o fizemos engolir um pouco. Ele estremeceu por inteiro, como um bicho sacudindo moscas no verão. Dei outro gole, e um terceiro, e então ele se virou de lado e começou a vomitar, de novo e de novo, um monte de carne vermelha crua saindo dele para a terra, fumegando, com um cheiro horrível. Eu me arrastei para longe para não ficar enjoada também.

Quando finalmente parou, ele próprio se arrastou para longe do monte, chorando um pouco.

Dei um pouco de água para ele beber, e Stepon enterrou o monte de carne crua que havia saído de Sergey. Ele chorou mais um pouco, aos goles de ar. Estava magro, macilento, como se tivesse passado fome, mas ao menos estava lá de novo. Teve de se apoiar em mim quando nos levantamos. Fomos pelo riacho até a pedra onde as cabras bebiam, e elas estavam lá, pastando e mastigando as folhas na margem. A cabra mais velha veio até nós, com as orelhas apontadas, e Sergey passou os braços em volta do pescoço dela e encostou o rosto no flanco enquanto eu tirava leite numa caneca e dava para ele beber.

Ele engoliu cada gota e lambeu a caneca, e então me olhou desconfiado. Nosso pai prestava atenção se alguma das cabras dava menos leite do que devia, e nós todos apanharíamos se ele não soubesse quem havia tirado. Mas peguei a caneca da mão de Sergey, tirei mais leite e dei a ele de novo. Não sei por que fiz isso, mas fiz e, de manhã, quando meu pai entrou com os baldes da ordenha e começou a berrar, eu me levantei e disse em voz alta:

— Sergey precisa de mais comida!

Meu pai me encarou, e Sergey e Stepon também. Eu mesma teria me encarado, se estivesse fora de mim. Depois de um instante, ele me deu um tapa e mandou eu cuidar da minha boca, mas então saiu de novo, e acabou ali. Sergey, Stepon e eu ficamos dentro de casa, meio esperando, mas ele não voltou. Não houve surra nenhuma. Sergey me olhou e eu olhei de volta para ele, e não dissemos nada. Depois de mais um minuto, eu peguei meu lenço, meu saco e

fui trabalhar. Minha roupa ainda estava dura de lama e sujeira. Eu não ia ter tempo de lavar até o dia de lavagem.

Quando voltei para casa, ao meio-dia, Sergey havia trazido a tina de lavar para fora e Stepon a encheu no riacho. Eles haviam até fervido água para a roupa lavar mais fácil com o calor. Olhei para aquilo e, então, tirei do bolso os três ovos que havia ganhado da mulher do prestamista. Ela me perguntara o que houve. Quando contei que meu irmão havia passado mal com alguma coisa que comeu, ela disse que o melhor para um estômago ruim eram ovos crus frescos e me deu três. Eu comi um, Sergey comeu um e meio e Stepon comeu a metade que sobrou. Depois, eles cortaram nossos repolhos pequenos para mim enquanto eu lavava a roupa e, quando terminei, fiz o jantar.